

BIOTERRORISMO

Bioterrorismo, novo perigo que ronda a humanidade

Médicos discutem risco de surtos de doenças epidêmicas

(transcrito do Jornal do Commercio, 17/09/1999, Tecnologia e Saúde, pág. A-18)

Roberto Hillas

Os médicos patologistas clínicos de todo o mundo marcaram encontro no Brasil, para discutir providências para acabar com as armas biológicas, e tentar encontrar fórmula para impedir que fanáticos políticos tenham acesso às mesmas, colocando em risco a segurança da humanidade.

Um dos médicos desse encontro é o professor Wolfgang Kietmann, autoridade mundial em bioterrorismo. Ele vai mostrar no Vigésimo Congresso Mundial de Patologia Clínica que o terrorismo com bacilos e vírus poderá vir a constituir-se numa das maiores ameaças para a saúde pública mundial em praticamente todos os países.

As vítimas seriam contadas aos milhões, e talvez até bilhões, dependendo da abrangência das áreas de contágio e da virulência das armas. Surtos como o da varíola em países onde a doença está erradicada podem provocar uma epidemia em escala planetária, sem que os cientistas tenham até agora podido mensurar o impacto.

O cenário imaginado pelos médicos e cientistas é aterrador. Os terroristas, que agora atuam com bombas de nitroglicerina explodindo edifícios, como em Moscou; que antes explodiam aviões de passageiros, como o jato da Panam, sobre a Escócia, nos anos 80, agora dispõem de gases venenosos e de vírus e bacilos, entre outras armas.

Nascido na Alemanha mas radicado e trabalhando nos Estados Unidos, no Massachussets General Hospital, de Boston, o professor Wolfgang Kietmann vai mostrar porque o bioterrorismo poderá vir a ser ameaça terrível para a humanidade.

Tal tipo de ação terrorista pode muito bem ser usada na América Latina, tal como em 94 explodiram um edifício em Buenos Aires, de entidade assistencial de anciãos de religião judaica, matando 96 pessoas e ferindo 156. Agora, uma ação bioterrorista numa edificação urbana não mataria apenas os ocupantes do prédio, mas de toda uma área de entorno com raio expressivo.

Ataque por fanáticos

O professor Kietmann dirige o Laboratório de Referência em Patologia do Hospital Geral de Massachussets. No seu entender, o bioterrorismo no mundo começou com o ataque do grupo de fanáticos religiosos japoneses Aum Shinrikyo aos passageiros do metro de Tóquio em 95. "Aquilo foi o primeiro exemplo de bioterrorismo no mundo", explica o especialista.

Como foram usadas formas fracas de botulismo e Antraz, apenas 12 das 5 mil vítimas morreram. Mas se o terroristas tivessem usado um pouco mais do gás Antraz, e uma forma mais concentrada da toxina botúlica (*Clostridium botulinum*), todos os envenenados teriam morrido, e de forma muito dolorosa.

O especialista esclarece que a toxina do botulismo é relativamente fácil de ser produzida, pois manifesta-se em alimentos estragados, principalmente enlatados. O nome, aliás, revela a origem: em latim, a raiz etimológica Botulu significa chouriço, salsicha, embutido de carne, linguiça.

Armas letais usadas para atacar populações indefesas, como já aconteceu em recentes conflitos como foi amplamente noticiado e condenado, são a prova real de que o bioterrorismo é uma ameaça concreta para trazer de volta doenças mortais que já estavam erradicadas - diz o professor Kietmann.

O Vigésimo Congresso Mundial de Patologia Clínica começa hoje e vai até a terça-feira próxima, no Palácio de Convenções do Anhembi, São Paulo, e é organizado pela World Association of Societies of Patology.

O organizador do congresso, médico Murilo Melo (fones (11) 224-0122, 224-5190 e 9906-1692) ressalta que o bioterrorismo é a generalização do uso de armas biológicas, que exércitos de diversos países desenvolveram nos últimos anos. A começar pelo do Iraque.

Mas este não é o único país com estoques letais potencialmente disponíveis para bioterroristas. Nos EUA e na Rússia existem depósitos do vírus da varíola, doença erradicada no mundo. Ocorre que como ninguém mais é vacinado contra a varíola, se o vírus for espalhado, milhões, e talvez mais de 1 bilhão de pessoas morram.

Nos EUA o vírus da varíola está estocado no Centro de Controle e Prevenção de Doenças, em Atlanta, Geórgia; na Rússia, num laboratório estatal situado em local remoto da Sibéria, cujo nome não se sabe.

Estoques de armas biológicas

O dr. Murilo Melo diz que a comunidade médica internacional está informada da existência de estoques de armas biológicas na China, Coreia do Norte, Afeganistão, Ira, Iraque, Israel, Líbia, Sérvia e Cuba, além da Rússia e EUA. O risco é que tais armas - ou sua matéria-prima - caiam em mãos de fanáticos como o do Movimento de Resistência Islâmica Hamas.

Conforme o médico organizador diz, "o que os médicos patologistas clínicos do mundo querem em seu congresso mundial é fazer uma alerta para os riscos do problema, visando evitar consequências terríveis para a humanidade."

O vírus da varíola é, em potencial, a mais perigosa arma biológica. Após a erradicação da varíola, grande vitória da OMS, vírus foram mantidos em laboratórios dos EUA e extinta URSS. Estes, agora russos, de segurança frágil, permitiriam que os vírus caísse em mãos de bioterroristas.

Ken Alibek, ex-oficial-pesquisador soviético da polícia política KGB, que imigrou para os EUA em 92, testemunhou para o congresso americano que o vírus da varíola foi distribuído para depósitos militares em diversos pontos da Rússia.

A varíola é causada por um pox vírus (os maiores vírus conhecidos). A transmissão é por contato direto, através de gotículas de secreção das vias aéreas (nariz e boca), podendo ser disseminada pelo vento. O único reservatório é o homem infectado.

Assim, uma bomba que elimine pequena quantidade de vírus no ar pode transmitir a doença a um grande número de pessoas, que, por sua vez, transmitem a doença a outras pessoas pelo simples ato de falar.

Essa característica da transmissão dificulta muito as medidas preventivas em caso de terrorismo, especialmente se considerarmos ataques em terminais de ônibus ou aeroportos.

O vírus penetra no organismo pela respiração, multiplica-se (nos gânglios linfáticos regionais) e após 7 a 14 dias dá início a febre alta (40°C), dor de cabeça, náusea, vômitos, dores musculares, que duram 2 a 4 dias.

Ocorrem lesões de pele que chegam a pústulas, no início na face e depois nos braços e pernas. Nesta fase ocorre a transmissão. Assim, os doentes com lesão de pele devem ficar em isolamento rigoroso, até o completo desaparecimento das crostas (casca das pústulas).

Russos misturam Varíola com o mortal vírus Ebola

A forma hemorrágica da doença seria provavelmente a utilizada como arma biológica, informa Ken Alibek, que diz ter produzido para as forças armadas soviéticas uma arma biológica com um caldo de varíola com o vírus Ebola.

Nesta formulação, os sintomas no período inicial da doença são muito intensos: as pequenas bolhas são pouco salientes, achatadas, flácidas e aveludadas, com conteúdo de sangue que conflui em grandes bolhas. O sangramento ocorre em vários órgãos. A mortalidade é de 96 a 100%.

A vacina antivariola foi descoberta em 1796 (por Jenner, que observou proteção à varíola pelo vírus cowpox do gado). No Brasil foi feito grande esforço pela vacinação, com o apoio da OMS, a partir de 1967 (quando tivemos 4514 casos).

No Brasil, foram vacinadas 83,3 milhões de pessoas, quando nossa população era de 94 milhões. Os últimos casos no Brasil (19) foram conhecidos em 1971. No mundo, o último caso foi conhecido em 78, na Somália, África. A OMS declarou a erradicação da doença no mundo em 1979.

População está vulnerável

A vacinação pode impedir a doença, mas existe pouco a fazer para os doentes. Praticamente toda a população mundial abaixo dos 30 anos não está vacinada, e os que foram vacinados provavelmente não são mais imunes. Estima-se que existam, no mundo todo, apenas 78 milhões de doses de vacina, sendo 6 milhões nos EUA.

O Antraz (Carbúnculo) é outro possível agente do terrorismo biológico. Seria mais acessível aos grupos terroristas. O *Bacillus anthracis* é uma bactéria que apresenta elevado poder invasivo e toxigênico. Os esporos (forma que algumas bactérias podem assumir no meio ambiente) são muito resistentes e podem persistir durante anos no solo.

Usualmente é doença profissional, pelo contato com animais doentes. A forma comum é um quadro de bolhas em pele, precedido de sintomas gripais. Existem, entretanto, formas graves, viscerais. A inalação dos esporos seria a via mais provavelmente utilizada por terroristas, causando uma forma pulmonar grave, com expectoração escura e falta de ar.

Formas gastrointestinais e neurológicas também podem ocorrer, com vômitos, dor abdominal, hemorragias digestivas, convulsões e paralisias. O diagnóstico e tratamento precoce com penicilina em altas doses são fundamentais. Em caso de ataque terrorista, o uso de máscaras especiais também pode prevenir a contaminação.

Investimentos americanos

Uma das consequências: o Departamento de Saúde e Serviço Humanos dos EUA está gastando US\$ 158 milhões neste ano em preparativos para o possível bioterrorismo. Mas até o final de 2000 o investimento americano contra o bioterrorismo totalizará US\$ 1,4 bilhão, informa Joe Lockhart, porta-voz do presidente Bill Clinton.

William Cohen, secretário de Defesa americano diz que um saco de 3 quilos de carbúnculo (o Antrax) mataria a metade da população da capital Washington. Uns 8 quilos seriam suficientes para matar todos os novaiorquinos. Uma simulação do Pentágono indicou que uma ataque com vírus da varíola mataria 80 milhões de americanos em 12 meses.

O único ataque bem sucedido de bioterrorismo nos EUA até hoje aconteceu em 84, quando fanáticos de uma seita religiosa espalharam salmonella em restaurantes de Oregon, o que vitimou 750 pessoas, que não morreram.

Até agora, bem sucedidos mesmo, só os bioterroristas personagens do livro *The Cobra Event*, de Richard Preston, de 97, contando sobre um ataque a Nova York com germes. Até agora, o exército que mais investiu em armas biológicas desse tipo desde o final da guerra fria foi o Iraque, onde os americanos encontraram 160 bombas e 25 mísseis sujos com agentes patológicos.

Os países que mais investem para precaver-se contra agentes bioterroristas são a França e o Reino Unido. Neste último, existe uma unidade militar especializada em defesa química, instalada na cidade.